



## *Nos 60 anos do Vulcão dos Capelinhos* **MEMÓRIA E HISTÓRIA DA IDENTIDADE AÇORIANA**



*Imagem dos primórdios da erupção dos Capelinhos captada de uma unidade da Força Aérea dos EUA. Depois de desclassificada foi oferecida ao Observatório Vulcanológico e Geotérmico dos Açores que a divulgou em várias oportunidades. Integrando este registo histórico nesta edição, a AAALH está a reconhecer a importância dos espólios sobre o Vulcão do Faial que o Director do OVGA, Professor Victor Hugo Forjaz, tem conseguido reunir em S. Miguel.*



Passados 60 anos, estamos de novo a “comemorar” o Vulcão. 10 anos depois da última vez que o recordámos “oficialmente”. Ocasão privilegiada para meditarmos sobre o sentido dessa repetição sem repetição de cada comemoração. Olhando nos dois sentidos. Até onde chegámos na vez anterior e a que nos obriga o legado de perspectivas a cumprir. Recuperar o que sentimos e o que julgamos saber que os outros sentiram é difícil. No entanto, o tempo do liceu habilitou-nos, também, para ter uma palavra neste processo, nas circunstâncias e nas consequências. Porque vivemos directamente a situação, certamente com muito para contar sobre a vida depois do Vulcão e por causa do Vulcão. Vivemos no meio de tantos sismos. Dormimos na rua. Sabemos o que é o medo do desconhecido. Não tivemos aulas porque os professores “fugiram” para o Pico. Fomos confrontados com a angústia do aparecimento de “outro” vulcão (na Caldeira). Criámos um jornal académico poucos dias depois do Vulcão. Onde convergiram manifestações de inquietação.

Que sentido poderemos, então, dar ao reencontro do nosso passado com o vulcão? E como projectar sua memória dando a esse passado um futuro permanente?

Talvez pugnando para que seja entendido como um verdadeiro ícon contemporâneo da identidade açoriana secular. Pela natureza telúrica. Pela origem no mar profundo. Pelo mistério. Pela origem de ameaças incontroláveis. Pela espectacularidade da natureza. Pelo agir ancestral açoriano no “refúgio” da religiosidade (individual e colectiva). Pelo confronto com a terrível dúvida: ficar ou partir, na iminência da perda de quase tudo. Dos bens aos sonhos. Pelo valor mais uma vez afirmado e reconhecido ao povo açoriano nas terras de destino das gerações emigradas.

É enorme o que já foi feito por este Património, em tempos comemorativos e não só. Ao encontro da memória de cada um e da memória colectiva. Preenchendo um capítulo com lugar próprio na História dos Açores, protagonizado pela população da Ilha do Faial. Hoje, tudo somado, a fortíssima vivência directa, as consequências imediatas, os registos, tantos estudos, novos projectos de vida, a enorme projecção exterior, leva-nos a admitir que o currículo do Vulcão identifica um património natural e cultural, material e imaterial, forte candidato a entrar para a História dos Açores como monumento à açorianidade. Com a presença “emérita” de Antigos Alunos em todos os “vulcões” gerados pelo “Capelinhos” – o das pessoas que ficaram ou partiram, o dos responsáveis pela gestão das horas difíceis, o dos cientistas do próprio mistério, o dos historiadores, o daqueles que continuam a zelar pela memória do Vulcão.

Mais uma vez, de novo agora, a AAALH vem procurando dar o seu contributo à Comissão que coordena esta comemoração. Fazendo o seu caminho. Tentando acrescentar sentido à obra em que se empenhou – a Geração do Vulcão (Carlos Lobão). Tentando, ainda, que mais esta ponte da História seja atravessada com lucidez na construção da Memória do “nosso” Vulcão.



**FREDERICO MACHADO  
CENTENÁRIO**

A próxima edição deste boletim será dedicada a esta grande figura da História da Ciência em Portugal, da História dos Açores e com lugar de honra na História do Faial, em especial, na Memória do Vulcão dos Capelinhos (ref. boletins 4/2000, 11/ 2004 e Notícias 11/ 2018).

## Memórias do Vulcão

### VIVER COM ABALOS DE TERRA



António Alves Soares



Fui viver com uns primos, numa casa que já não existe. Ficava nas traseiras do que hoje é o Hotel Fayal. Eu estava feliz: continuava a ter vista para a baía e tinha o meu Pico em frente. Era um sítio bom para viver, mas a casa era pequena, e o casal tinha uma filha e uma hóspede, aluna do magistério. Sabia que não podia ficar ali durante muito tempo.

Fui muito bem tratado e tinha ambiente e carinho próprio de familiares que se querem bem. Retenho da passagem por essa casa a memorável tarde-noite de 12 de Maio de 1958. A minha memória dessa noite é mais detalhada do que em relação ao correr dos dias. O vulcão, a que já me habituara, sentiu necessidade de sacudir a ilha. Dei conta dos primeiros tremores ainda na explicação da D. Natália, na rua do Arco. À saída, lembro-me de que havia uma festa de malta jovem com música, supus que de algum jovem da família Decq Mota (recordo o João Fraga à varanda), senti vibrar a porta da garagem. Não tinha ainda ansiedade, mas fiquei com pressa de chegar a casa, mas isso não era fora do comum, porque eu tinha sempre pressa de ir para casa, não tinha interiorizado ainda os hábitos dos jovens da cidade que paravam ao pé de algum dos cafés, em grupo, rindo e conversando. No dia seguinte, tinha um ponto de Ciências, e era preciso fazer revisões da matéria. A minha prima e eu estávamos sentados à mesma secretária. Mesmo com sismos, eu tinha que ver a matéria para o ponto. Ora, eu não consegui manter a minha preciosa calma durante muito tempo, porque a minha rica prima, ali a meu lado, de perna cruzada e ponta do pé encostada à

secretária, ia contando sismos que a dita secretária, qual sismógrafo improvisado, ia registando. Era uma sensação estranha. Muitos anos depois, “Os Pássaros” de Hitchcock aumentariam o suspense daquela situação, Enfim, aguentei o sismógrafo da prima, tentei centrar-me na revisão para o ponto do dia seguinte, mas tive de abandonar a ideia. Vencera a persistência da prima e o seu sismógrafo, que já ia em números de dois dígitos. Fui ao quintal, era lá que estava a denominada casinha e neste ir e vir senti uns dois abalos mais fortes, e a sensação era de dois gigantes que estivessem a puxar pelas pontas de uma corda, disputando o quintal que lhe ficava no meio. Estava tomada a emotiva decisão. Cheguei ao interior da casa e aquelas almas ainda não se tinham perturbado demasiado. Pela minha parte, tratei de me pôr ao fresco da rua. Peguei numa gabardina, agarrei na caixa de guaches e transformei-a em porta moedas, metendo lá dentro o pouco dinheiro que tinha, mas dava para qualquer eventualidade, ao fim e ao cabo a que se insinuava na minha cabeça: ir para o Pico. E assim foi. Ia matar saudades, muito antes do que pensava.

Cais, cheio de gente. Comprei bilhete para a lancha e fui na segunda a fazer viagem. Entre o virar a ponta da doca e a acostagem da lancha que me havia de transportar, os vidros da Fayal Coal vibraram uma dúzia de vezes. Substituíam o sismógrafo da prima. Dentro da lancha, lá ia a professora que me havia de dar ponto de Ciências no dia seguinte. O mar estava muito manso e eu mais tranquilo. No cais da Madalena, gente esperava o regresso dos filhos que estavam na Horta a estudar. Fui para as Lajes à boleia, na caixa de uma camioneta de carga. Valera-me a gabardina. E mais me valeu a alegria de ter à minha espera no Cruzeiro, sem ser avisada, a minha mãe e mais um dos meus irmãos. Já era o dia seguinte. Na casa onde morava, não tinha dito que não voltaria naquela noite, mas acharam normal o meu comportamento. Passada a crise, voltei e fui recebido com o mesmo carinho de sempre.

### O VULCÃO INVULGAR



Renato Leal



Quando o nosso vulcão submarino nasceu eu tinha pouco mais de quatro anos.

Durante o seu fascinante e, por vezes, assustadoramente belo crescimento fui visitá-lo apenas uma vez, na camioneta da Cedrense e na companhia do meu pai.

Porém, o que mais me encantou nesse dia foi o passeio no novíssimo ovo do Prieto, filho da dona da casa onde vivíamos.

No liceu só tenho memória do dr. Zé Lucas, que foi meu professor no 1.º ano e apenas durante um mês em 1964, nos falar do vulcão com um prazer e um entusiasmo em tudo idênticos aos evidenciados pela doutora Raquel Soeiro de Brito na sua inesquecível conferência de 27 de Setembro de 2017, na Casa dos Açores em Lisboa.

Quando comecei a trabalhar como guia turístico foram de inquestionável valia os textos, muitas vezes acompanhados de fotografias e desenhos, da autoria de Frederico Machado e de Victor Hugo Forjaz.

A 1.ª vez que escalei o vulcão foi nos anos 70 com um grupo da dra. Catherine Gygax (Suíça), autora do livro “Iles Atlantiques”, e que – penso – foi quem me falou pela primeira vez da Macaronésia, exactamente quando estávamos na borda da cratera a contemplar o alinhamento dos cones vulcânicos até à Caldeira.

Durante as décadas de 70 e de 80 fui o guia turístico que mais vezes escalou o vulcão com alemães, suíços, austríacos, ingleses, escoceses, suecos e noruegueses.

Semanas houve em que o fiz por três vezes, pelo que me atrevo a afirmar que realizei mais de 100 escaladas nesses anos.

Só uma vez nos cruzámos com alguém. Eram universitários das Canárias, que estavam a colocar armadilhas para insectos. Nessa altura a única vegetação que se via era o bracel (*festuca petrae*) e sobretudo no Costado da Nau. Disseram que, conforme o tipo de insectos que capturassem, seriam capazes de prever que vegetação surgiria depois.

Todavia, a escalada mais empolgante e sobretudo mais frutuosa foi a dirigida pelo professor Ávila Martins com um grupo de universitários de diversos países europeus, que tinha vindo ao Pico e ao Faial por causa da pesca de salto e vara e do vulcanismo. A frequente utilização da sua inseparável picareta e os seus sábios e sempre oportunos ensinamentos naquela paisagem lunar foram algo a que, segundo consta, só os deuses têm direito!

Antes de nos levar à Fajã da Praia do Norte, onde nos mostrou variadíssimos núcleos de olivina, esclareceu-nos que a erosão poderia vir a separar o vulcão da ilha do Faial.

Com efeito, isso é uma das coisas que mais me impressiona actualmente: ter estado há trinta e há trinta e tal anos com turistas em zonas que hoje são apenas atmosfera, tal a velocidade a que avança a erosão pelos dois lados (Comprido e Fajã).

E dizem os textos científicos que o vulcão expeliu cerca de 25 milhões de metros cúbicos de diversos materiais!

A terminar quero enfatizar que não tenho consciência de que os meus turistas, grandes amantes da natureza, tenham levado consigo materiais subtraídos ao vulcão, exceptuando areia para escolas e museus, pelo que vejo com muito agrado as medidas cautelares e restritivas que os competentes departamentos governamentais têm vindo a tomar.

## Memórias Biográficas

### FELIZ ENTRE DUAS CULTURAS QUE O VULCÃO LIGOU



João Carlos Cardoso Pinheiro



Esta foi a grande mensagem que JOÃO CARLOS CARDOSO PINHEIRO (Antigo Aluno, 1952-1959) nos transmitiu na conversa para este já antigo projecto de memórias biográficas.

Naturalmente começámos pelo tempo do Liceu. E pelas memórias que espreitam sempre. As recordações da embaixada do Liceu da Horta que foi à Terceira em 1959, intrometeram-se logo. Os jogos no “Lawn Tennis”. Aquele “penalty” de que o João Carlos (JCP) foi incumbido no jogo de andebol e que causou grande espanto.

Não tanto porque foi bem sucedido, mas... porque ele era o guarda redes! As peripécias no “hotel” onde ficámos instalados (o ginásio do Liceu no Convento de S. Francisco). O diálogo intenso entre o sentido de responsabilidade e o prazer da liberdade fora de casa (não “levámos” nenhum Professor conosco nesta excursão a outra ilha, facto original naquele tempo).

Fomos mais longe na conversa, ao longo da história de vida, agora com o liceu ao fundo. O JCP é uma figura “especial” da Geração do Vulcão. Pelo sentimento com que partiu, pelo que realizou ao longo da vida e pela proximidade, afectiva e cultural, que tem mantido com o Faial. Partiu em Setembro de 1959, depois de concluir o Liceu e “por causa do Vulcão”, aos 17 anos, com os pais, aproveitando as facilidades emigratórias concedidas pelo Governo americano aos “sinistrados” do Vulcão. Não partiu feliz, não foi convencido que aquela seria a melhor solução para a sua vida. Pressentimos que queria dizer “partiu com vontade de ficar”.

Conhecer a narrativa do que fez e onde chegou é relativamente fácil porque existem muitas fontes. Em discurso memorialista de contador de histórias encontramos anotações importantes num livro da vasta obra que nos deixou Fátima Silva (Toste), Fátima “Carioca” no liceu (“Açorianos na Diáspora fazem a diferença”, 2011). Aí emerge a personalidade do JCP, reflectida na paixão pelo mar que aprendeu com o pai, José Cardoso, uma lenda da saga dos grandes baleeiros do Faial. Paixão também despertada no tempo do liceu, para quem faz parte das gerações que vivem a nostalgia desse espaço especial – o “Centro de Vela da Mocidade Portuguesa” e receberam do piloto João Lucas o gosto, a competência e a mística de “andar à vela”. Esta paixão alimentou o sonho de ter um veleiro, de participar no ambiente das regatas de New Bedford, empolgou a vontade de realizar a viagem de regresso no seu barco. Este sonho foi desfeito pela tragédia, suportada com grande coragem, do naufrágio em pleno Atlântico e a enorme tristeza pelo afundamento do seu iate “Fayal”.

Do registo das honrarias atribuídas por diferentes entidades podem encontrar-se as razões do valor de JCP reconhecidas nos dois lados do Atlântico. Recordamos que o Presidente da República lhe concedeu o grau de Comendador da Ordem de Mérito, a Assembleia Legislativa dos Açores atribuiu-lhe a Insígnia de Mérito Profissional e a Câmara Municipal da Horta reconheceu com a Medalha de Mérito Municipal a importância do seu trabalho na aproximação entre o Faial e New Bedford. Os textos que suportam estas distinções são peças eloquentes sobre a história de vida de JCP, a que devemos acrescentar a influência que teve na fundação de associações de preservação da cultura açoriana e na de angariação de fundos para a concessão de bolsas de estudo a jovens de cá e de lá com dificuldades (o conjunto de destaques na sociedade americana serão incluídos em “Memórias biográficas” no site da AAALH). Fica-nos, assim, a admiração por um vasto currículo determinado pelo grande princípio de cidadania empenhada que payoutou sempre a vida de JCP.

Mas, Ralph Glöckler (*in Viagem Vulcânica, uma saga açoriana, 2007*) leva-nos ao quotidiano de JCP em New Bedford, percorrendo locais, conhecendo pessoas que lhe são próximas e retratando contextos da sua ascensão social. Visitou o seu império profissional na área do comércio automóvel. Conheceu os familiares. Aflora a preferência de JCP para se alhear dos caminhos ou atalhos da política. Mantendo-se sempre nas ligações profundas à cultura faialense, na história da baleação, como membro activo do célebre museu da baleia de New Bedford, onde foi um grande promotor da criação da Galeria que faz a ligação à cultura baleeira dos Açores. Promotor, ainda, da regata internacional em botes baleeiros. Na prática da Vela conseguiu aceder à “fina flor” do associativismo náutico. É inequívoco o orgulho de JCP em ter sido admitido no Yacht Clube de New Bedford e feito parte da elite dos seus directores, posição que nenhum emigrante tinha alcançado. Indagado sobre a sua identidade não hesita: “Sou das Angústias, da cidade da Horta. A minha ilha, o Faial, é a mais bonita do mundo. A América é a minha HOME. Onde constituí a minha família. Onde tenho a minha vida. Sinto-me bem nestas duas culturas.”

JCP assume com desassombro a saudade do tempo do Liceu, pelos amigos que aí fez, pelo que aí aprendeu e elogia a circunstância do Liceu da Horta lhe ter proporcionado uma experiência única de grande convívio entre jovens de marcas diferentes sociais, oriundos de várias ilhas. Reconhece que este foi um factor muito útil na sua vida futura.

Das duas culturas do João Carlos certamente continuarão a surgir contributos para o reconhecimento do secular património baleeiro do Faial – material e imaterial – na sua dimensão de cultura histórica transnacional, única nos Açores.

### O VULCÃO QUE INSPIROU A CARREIRA DE UM ARTISTA



José Nuno da Câmara Pereira



Do cruzamento das memórias directas do Vulcão com a criação do 3.º ciclo do Liceu (1957) recordamos a visita de estudo dos colegas do 7.º ano do Liceu de Ponta Delgada, acompanhados pelo Dr. Ilídio Sardoeira, apenas dois meses após o início da erupção. Vieram para ver um Vulcão “a sério”, queriam mais do que os “vulcanismos” de pequenas fumarolas a que estavam habituados. Para nós que vivíamos um clima de insegurança, medo e ansiedade era estranha esta atitude. Vinham para “fazer” turismo exótico, decididos a uma

experiência intensa do fenómeno que queriam afrontar. Subir até à cratera, olhar lá para dentro do monstro que rugia e expelia, ora fumos, ora outros elementos. Mas, não podíamos ficar atrás deles. Experiência curta, intensa, única, que gerou amizades que perduraram. Fomos anfitriões à altura das tradições faialenses. Até tiveram festa no “Amor da Pátria!” Esta excursão integrava também estudantes do Faial que viviam em S. Miguel para conclusão do 7.º ano do Liceu (Maria

José Amaral, Ivone Cunha Leite, Hugo Guerra, Victor Hugo Forjaz). Dos colegas do liceu de Ponta Delgada destacamos JOSÉ NUNO DA CÂMERA PEREIRA, de Santa Maria, que ficou “marcado para a vida” por este confronto com o “Vulcão do Faial”. Formado em Belas Artes (Pintura), teve uma brilhante carreira artística. Referiu-se sempre, em muitas oportunidades, à importância que esta excursão ao Faial para ver o Vulcão teve na sua vida influenciando o imaginário da sua Arte. Acompanhou-o no longo caminho de “desassossego e criatividade na procura da impermanência” da sua extensa obra artística (abundante nos Açores; no Faial em peças na Assembleia Legislativa e no texto do grande auditório do Teatro Faialense). Já em 1986 o Jornal de Letras e Artes referia o fascínio de JOSÉ NUNO pelo Vulcão, “de ver emergir algo da terra; o nascer, o transformar-se, a profunda atenção à renovação do ser, ao pulsar da vida, marcas obscuras do artista, autobiográficas”. A obra sobre o seu percurso artístico, motivada pela grande exposição retrospectiva no Centro de Artes Contemporâneas “O Arquipélago”, editada pela DR Cultura, recorda a inspiração que JOSÉ NUNO recebeu da erupção do Vulcão dos Capelinhos permitindo o cruzamento de duas grandes explosões de vida – do poder telúrico do Vulcão com o poder criador do JOSÉ NUNO DA CÂMERA PEREIRA.

# Para a memória do Vulcão dos Capelinhos

## RECORDANDO O CINQUENTENÁRIO



De há muito tempo, em particular por iniciativa da Junta de Freguesia do Capelo e sob a feliz expressão “Uma de erupção de Cultura” que o Vulcão e a sua circunstância têm sido “falados”. O Cinquentenário foi também exemplar neste sentido.

Destacamos duas figuras maiores da divulgação do Vulcão dos Capelinhos (na foto, na Casa dos Açores, sessão comemorativa, 28/3/2008): a Professora Raquel Soeiro de Brito, geógrafa, que uma semana depois do início da fase visível da erupção já estava no Faial recolhendo imagens para o “seu” filme, um autêntico *ex-libris* da História do Vulcão; e o Professor Victor Hugo Forjaz, editor de “Vulcão dos Capelinhos: Memórias do Vulcão 1957/2007”, uma das obras de referência do Cinquentenário (assim como, a edição bilingue “Capelinhos: um Vulcão de sinergias”, Tony Goulart, “Portuguese Heritage Publications” da Califórnia). Nesta nota evocativa damos relevo ainda à participação destes Professores numa jornada científica na Academia de Marinha onde VHF falou sobre “Novidades evolutivas do Vulcão dos Capelinhos” (16/10/2007).



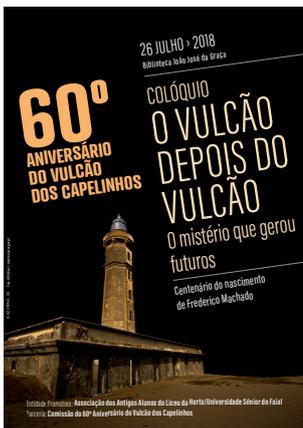
## OS 60 ANOS NA CASA DOS AÇORES



A AAALH voltou a marcar presença em Lisboa assinalando os 60 anos do Vulcão no próprio dia 27/9/2017. Na imagem, o anfitrião, Presidente da CAL, Eng. Eduardo Coelho, abrindo a sessão, ladeado pelos conferencistas convidados, aqui também num claro prolongamento das memórias evocadas no Cinquentenário. A Professora Raquel Soeiro de Brito recordando os primórdios do Vulcão e comentando o seu próprio filme e o Professor Daniel Marcos, investigador em Relações Internacionais, autor da investigação patrocinada pela Universidade de Brown sobre os fundamentos da emigração em consequência do Vulcão e autor do livro com edição em português e inglês “A erupção dos Capelinhos – Uma Janela de oportunidade para a emigração açoriana”, apresentado pela primeira vez em Lisboa (10 anos depois de o ter sido nos EUA e no Faial). Durante a sessão foi lida uma mensagem da “Comissão dos 60 anos” de apreço pelo contributo da AAALH e de elogio à Professora Raquel Soeiro de Brito “a quem os faialenses muito devem por ter colocado o Vulcão dos Capelinhos no mapa mundial”.



## O VULCÃO QUE GEROU FUTUROS



A AAALH propôs à “Comissão dos 60 anos” a realização de um colóquio onde fossem reflectidas algumas consequências “desse mistério que gerou futuros”. Uma iniciativa que partiu de um grupo de Professores da Universidade Sénior do Faial à volta do futuro “real” (o vulcão depois do vulcão). Do que foi ficando. Do que vem resistindo à erosão da memória. Da memória física, “dessa terra da nossa idade”. E da memória humana, das novas

vidas que o próprio vulcão determinou. Um colóquio a pensar no público-alvo (as pessoas que ainda têm memórias do Vulcão).

A partir dos pressupostos referidos, a reflexão conjunta permitiu a escolha dos temas seguintes (“Os futuros gerados pelo Vulcão”) – **O Vulcão dos Capelinhos: uma erupção de conhecimento** (Carlos Faria); **Capelinhos: depois do Vulcão a explosão de vida** (Filipe Porteiro); **A geração do Vulcão num país de (brilhante) presença portuguesa** (Carlos Lobão); **Memórias do Vulcão: um olhar sobre os que ficaram** (Maria Eduarda Rosa); **Vulcão dos Capelinhos: História e Imaginário** (Maria do Céu Brito).

Este colóquio teve o apoio da “Comissão” (suportes de divulgação) e da Biblioteca João José da Graça (exposição bibliográfica, instalações e apoio técnico audio visual). A organização da recepção (Vânia Serpa) e do *coffee break* (Cláudia Rosa) foi assegurado pelo Parque Natural do Faial/Jardim Botânico.

## O CURRÍCULO DO “VULCÃO”



Pela importância histórica e, em particular, pelo interesse prático na informação às novas gerações e na divulgação turística, parece fazer sentido a selecção de factos para um currículo do Vulcão. Numa lógica cronológica sobre os diferentes âmbitos da História do Vulcão, aproveitando ensaios já realizados em sectores específicos (ref. o *Historímetro*, OVGA, Victor Hugo Forjaz) e outros, preparados pelo Centro de Interpretação do Vulcão e pelos Serviços do Ambiente.

Será também muito interessante reunir dados curiosos, por vezes mal conhecidos, apesar da sua relevância. Alguns exemplos:

- O Centro de Interpretação do Vulcão dos Capelinhos é a estrutura museológica dos Açores mais visitada;

- O livro “O Ano do Vulcão” (Carlos Lobão) do Clube de Filatelia da Escola Manuel de Arriaga nas suas 8 edições está reproduzido em 4600 exemplares;

- O Vulcão tem sido objecto de obras artísticas – residência artística em 2007 com peças musicais e a obra “Fogo Frio” de Duarte Belo, bem como outras, num conjunto que tem merecido grande impulso de Maria do Céu Brito;

- O Vulcão é “fronteira de análise” e capítulo da obra “Descobrimiento Científico dos Açores” do Professor Luís Arruda, com a revisão/listagem de 109 referências bibliográficas de trabalhos sobre ou a propósito do Vulcão;

- O Vulcão e os espaços da sua envolvente geológica, biológica e ambiental têm sido objecto de várias classificações e destaques nacionais e internacionais;

- Está em curso a proposta de atribuição ao Vulcão do estatuto de **Monumento Natural**.

Este estatuto permitirá a intervenção integrada sobre a zona do Vulcão, uma nova visão abrangente para a preservação do Vulcão no seu valor ecológico, geomorfológico, estético e cultural.